

## De Yatay a Cerro-Corá<sup>1</sup> Consenso e dissenso na resistência militar paraguaia

Mário Maestri<sup>2</sup>

**Abstract:** It was critically proposed that Paraguayan soldiers' fearlessness during the War of the Triple Alliance was due to the fact that they were savages, barbarians and to their fear of the dictator. In the opposite direction, some historians argue that such quality would be natural in those soldiers, a sort of intrinsic feature. Generally, analysts don't realize that the positive evaluation of the Paraguayan soldiers is contemporaneous with Paraguayan war, being that army and its soldiers undervalued before it. This paper discusses the reasons of the faithfulness of Paraguayan soldiers with the defense of their national territory.

**Key words:** Paraguayan War; Triple Alliance; Jatahy battle

**Resumo:** Propôs-se criticamente que o destemor do soldado paraguaio quando da Guerra da Tríplice Aliança deveria-se a ele ser um selvagem, bárbaro e a temer o ditador. Em sentido contrário, defendeu-se que tal qualidade seria natural naquele soldado, devido a suas qualidades intrínsecas. Em geral, escapa aos analistas que a avaliação positiva do soldado paraguaio é contemporânea à guerra, prevalecendo anteriormente avaliações negativas daquele exército e soldado. O artigo discute as razões do compromisso do soldado paraguaio com o esforço defensivo do território nacional.

**Palavras chaves:** Guerra do Paraguai; Tríplice Aliança; Batalha de Yatay

Após a conclusão da guerra da Tríplice Aliança, foi amplo o consenso sobre o destemor do soldado paraguaio em relação às forças militares do Império do Brasil, da Argentina mitrista e do Uruguai florista. Uma realidade realçada pela forte inferioridade numérica e material paraguaia, sobretudo na fase defensiva da guerra. As explicações aliancistas sobre aquele fenômeno foram em geral ideológicas e apologéticas, destacando-se entre elas a afirmativa de que o soldado paraguaio lutava bem por ser *fanático*, *selvagem* e *embrutecido* e, por isso, não ter amor à vida, ou por temer mais ao *mariscal* do que ao inimigo.<sup>3</sup>

Em sentido contrário, ao explicar-se positivamente aquele fenômeno, propôs-se comumente que a valentia e a decisão em combate do soldado paraguaio seriam atributos naturais, próprios a todos os momentos e a quaisquer situações. Foi habitual super-valorização de corte racista daquele combatente, apresentado como oriundo de uma espécie de super-raça, em alguns aspectos superiores a todas as demais das Américas e do mundo.

Em sua célebre conferência, pronunciada em Asunción, em 29 de janeiro de 1903, “Causas del heroísmo paraguayo”, Manuel Dominguez (1868-1935) propôs que a bravura do soldado lopista devia-se a ser ele “superior al enemigo”, na inteligência, na estatura, na decisão, etc. O paraguaio constituiria uma “raza superior”, surgida em um país que contara com o melhor solo, clima, educação militar e escolar, etc. Um país “colonizado por la más alta nobleza de España, por la mejor gente, del mejor tiempo”.<sup>4</sup> Em *El Paraguay: sus grandezas y sus glorias*, de 1946, livro que reuniu artigos jornalísticos de 1919, o político e

<sup>1</sup> Comunicação às *Segundas Jornadas Internacionales de Historia - "Batalla de Yatay" - Paso de Los Libres*, 19 - 21 de abril de 2013.

<sup>2</sup> Mário Maestri, 65, é doutor em História pela UCL, Bélgica, e professor titular do Programa de Pós-Graduação em História da UPF, RS, Brasil. E-mail: [maestri@via-rs.net](mailto:maestri@via-rs.net)

<sup>3</sup> SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*. Notas de J.M. da S. Paranhos. Porto Alegre: Pradense; 2009. p. 257; PARANHOS, J. M da Silva. SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*. Ob.cit., p. 273.

<sup>4</sup> DOMINGUEZ, Manuel. *El alma de la Raza*. Buenos Aires: Ayacucho, 1946. pp. 18 et seq.

historiador paraguaio afirmava: “[...] el Paraguay es superior a los demás países americanos y, en muchos aspectos, superior a todas las naciones del mundo.”<sup>5</sup>

Escapa comumente aos analistas que a valoração positiva do soldado paraguaio foi contemporânea e posterior à Guerra Grande [1865-1870], havendo anteriormente geral subestimação da qualidade dos exércitos, dos oficiais e dos soldados daquela nacionalidade. Apesar do sucesso lopista na expedição ao Mato Grosso, motivado pela superioridade das forças paraguaias e sobretudo pelo escasso desempenho das tropas imperiais, aquelas forças armadas não despertavam grandes receios aos aliancistas. Até certo ponto, essa apreciação apoiava-se em avaliação objetiva da situação material das tropas paraguaias; da sua quase nula experiência; do escasso sucesso que obtivera nas raras campanhas em que interviera antes de 1865.

### O Paraguai Vai à Guerra

Após os combates da independência, em 1811, quando contaram com forte superioridade numérica contra as forças portenhas invasoras, os exércitos paraguaios raramente ultrapassaram as fronteiras nacionais. E, sobretudo, fracassaram claramente nas raras vezes em que o fizeram, principalmente devido à escassa combatividade. Sob o francismo [1813-1840], o exército paraguaio tivera escasso sucesso nos confrontos poucos ambiciosos contra a província de Corrientes pelo domínio das *Misiones Orientales*.

Em 1828, José Gaspar de Francia [1776-1840] comentava expedição naval, de quatro navios e quase trinta canhões, enviada anos antes para “tirotear a Corrientes”. Relatava que encerrara a expedição, “antes que” o oficial comandante, o capitão Rolón, lhe perdesse “los buques y las armas que tanto” lhe “habían costado”.<sup>6</sup> Foram também infelizes as iniciativas terrestres contra aquela província, na disputa pelas *Misiones Orientales*, ricas em ervais e imprescindíveis ao Paraguai para manter os contatos e o comércio com o exterior.<sup>7</sup>

Em inícios de 1832, o doutor Francia enviou patrulhas militares à região entre os rios Aguapey e Uruguai, tendo feito a seguir o mesmo o governador de Corrientes, que alcançou a ocupar Candelária, desertada sem resistência pela guarnição paraguaia, de 150 soldados, mais urbanos e recrutados. Indignado, Francia recriminou duramente o comandante da fronteira: “[...] te has apocado, sobrecogido de un vano temor, y con ser comandante de frontera, has hecho abandonar la frontera sin motivo ni necesidad [...]” “[...] eres bisono sin los conocimientos precisos para conducir semejante empresa.” “Aún para mero oficial de una compañía de caballería todavía no sabes [...]”<sup>8</sup>

Vendo rejeitado seu protesto junto ao ditador, em outubro de 1832, o governador de Corrientes declarou guerra ao Paraguai, por tentar conquistar aquelas regiões. O doutor Francia mandou suas tropas recuarem, deixando o território em disputa em mãos correntinas e pontificou novamente em forma muito dura sobre seus combatentes: “[...] lejos de indignarse o incomodarse a vista de tantos insultos aun dentro del territorio del Paraguay, se ponen buenamente con mucha simplicidad y casi humildemente a conversar pacíficamente” com os correntinos invasores.<sup>9</sup>

<sup>5</sup> Id. *El Paraguay: sus grandezas y sus glorias*. Buenos Aires: Ayacucho, s.d. p. 44.

<sup>6</sup> Francia al Delegado de Itapúa, 12 de junho de 1828, Archivo Nacional de Asunción (ANA); Vol. 78, Inédito, CHAVES, Julio Cesar. *El supremo dictador*. 5 ed. Asunción: Carlos Schauman, 1985. p. 364.

<sup>7</sup> CHAVES, J.C. *El supremo dictador*. Ob.cit., pp. 416 et seq.

<sup>8</sup> Francia al Delegado de Itapúa, 8 de setembro de 1832, ANA, vol 2, CHAVES, J.C. *El supremo dictador*. Ob.cit., p. 420.

<sup>9</sup> Francia, al delegado de Itapúa, 12 de junho de 1833, Sección Historia, V. 241, n. 12. Original, FRANCIA, 1831-1840. Edición comentada, aumentada y corregida de la Colección Doroteo Bareiro del Archivo Nacional de Asunción. Asuncion: Tiempo de História, 2009. Vol. 3, p.1290.

Francia seguiu mandando pequenas partidas ao rio Aguapey e preparou emboscada aos correntinos, composta de infantes, cavalaria e artilharia. A surpresa falhou totalmente: os canhoneiros erraram o alvo e os correntinos escafederam-se sem baixas. Outra vez, Francia espinafrou suas tropas: “[...] sois inhábiles y apocados y no tenéis talando para la guerra, ni entendéis de guerra ni valéis para la guerra”. Em novembro de 1833, tendo outra surpresa fracassado, o ditador perpétuo procedeu igual desqualificação: “[...] lo que se ha visto llegado el caso es que diez paraguayos no han bastado para uno solo de ellos.” “Decir a las Compañías que no esperaba yo esa flojedad de los Paraguayos [...]”<sup>10</sup>

### Carlos Antonio López Bom de Briga

No período lopista, as raras experiências militares no exterior foram igualmente desastrosas. Em fins de 1845, contando com o incentivo do Império do Brasil, o governo paraguaio aliou-se com o governador de Corrientes, Joaquin Madariaga [1799-1848], e o general argentino unitário José Maria Paz [1791-1854], contra Juan Manuel Rosas [1793-1877] e a Confederação Argentina. Em dezembro daquele ano, Carlos Antonio López [1790-1862] enviou coluna expedicionária de cinco mil homens, dirigida pelo jovem coronel-major Francisco Solano López [1827-1870], então com dezenove anos.

Em 28 de fevereiro de 1846, três esquadrões da vanguarda paraguaia estacionados em Payubré rebelaram-se sob a direção de alguns sub-oficiais, exigindo o retorno a Asunción e a convocação de um “Congreso”, para que a nação se pronunciasse sobre a participação na guerra. As tropas rebelavam-se, negavam-se a combater e questionavam as boas razões da intervenção no exterior!

Quando os rebeldes apresentaram-se armados para impor suas exigências, foram desarmados por Solano López que, após juízo sumário, mandou executar os quatro principais líderes, diante das tropas formadas em quadro. A seguir, os esquadrões rebeldes foram dissolvidos. A sublevação certamente influenciou na suspensão da campanha, já em maio de 1846, com a aliança mergulhada na confusão, e no retraimento posterior de Carlos Antonio López quanto à intervenções nas disputas do Prata.<sup>11</sup>

Durante a campanha, em carta ao governador de Corrientes, o experimentado general Paz criticara a qualidade dos soldados e oficiais paraguaios. “Además le repito que a este ejército aliado [el paraguay] le falta mucho para merecer este nombre.” “Vuelvo a decir que nuestro aliados no son más que una masa informe con que no se puede por el momento contar.” Após a dissolução da aliança, obrigado a refugiar-se no Paraguai, Paz teve que desdizer suas opiniões, quando da publicação daquelas confidências pelo governador de Corrientes, para comprometê-lo.<sup>12</sup>

Em suas *Memorias postumas*, o general Paz referiu-se longamente aos “ningunos conocimientos militares” de Solano López, à falta de oficiais com formação no exército e de à baixa qualidade da cavalaria e infantaria paraguaias. “[...] la caballería paraguaya fue en toda la campaña de poquísima utilidad [...]” “[...] una infantería tan bisoña, que no sabía disparar, ni cargar sus armas [...]”<sup>13</sup>

Em junho de 1849, Carlos Antonio determinou que tropas paraguaias ocupassem povoações na margem esquerda do rio Paraná, procurando reafirmar a soberania sobre as *Misiones Occidentales*. Certamente recordando a fracassada expedição de 1846, proclamou

<sup>10</sup> CHAVES, J.C. *El supremo dictador*. Ob.cit., p. 422; Francia, oficio al Delegado de Itapúa [...]. Asunción, 21 de novembro de 1833, Vol. 2; Sección Historia, V. 242, n. 7. Original, FRANCIA, 1831-1840. Ob.cit., p.1363.

<sup>11</sup> CHAVES, Julio Cesar. *El presidente López: vida y gobierno de Don Carlos*. Buenos Aires: Ayacucho, 1955. pp. 108 et seq; *El Paraguay Independiente: independencia ó muerte*. Asunción: El Foro, 1985.

<sup>12</sup> CHAVES, J. C. *El presidente López*. Ob.cit., p.112.

<sup>13</sup> PAZ, General José Maria. *Memorias póstumas*. Buenos Aires: Almanueva, 1952. Vol. 2. pp. 306 et seq.

às tropas, antes de enviá-las para aqueles territórios: “No vais invadir un territorio ajeno; no vais a llevar la guerra a ningún estado vecino; vais a sostener el buen derecho de vuestra patria ...”. Ou seja, segundo ele, tratava-se de guerra travada em território nacional!

A arenga do presidente mostrou-se inócua. Primeiro sobre as ordens do coronel, engenheiro e cartógrafo húngaro Franz Wisner de Morgenstern [1804-1878], a seguir sob o comando de Francisco Solano López, apesar de bem armadas e apetrechadas, as tropas paraguaias mostraram baixa eficiência diante dos fracos exércitos correntinos. Dois comandantes, Meza e Acosta, foram fuzilados, devido à deserção diante do inimigo. Após o retorno da expedição ao país, não houve outra intervenção no exterior, durante a administração de Carlos Antonio, encerrada em 1862.<sup>14</sup>

### Exércitos Pouco Confiáveis

As duas operações ao exterior registram igualmente a improcedência das propostas posteriores de Carlos Antonio como presidente timorato e pacifista, em oposição ao seu filho, impulsivo e belicista. Carlos Antonio era bom de briga, mesmo que seus exércitos não o fossem! Desmentem igualmente as afirmações sobre o medo de Francisco Solano López de enfrentar e comandar pessoalmente combates no exterior, difundidas sobretudo por George Thompson, coronel-engenheiro inglês a serviço do Paraguai, em sua célebre *La guerra del Paraguay*, publicada em 1869.<sup>15</sup>

No retraimento sucessivo de Carlos Antonio quanto a intervenções no exterior, pesariam as fracassadas expedições de 1846 e 1849. Arriscamos a avançar a suposição de que ele passou a desconfiar da capacidade bélica de seus exércitos. Em 1854-5, quando da poderosa expedição naval do Império do Brasil a Asunción, para impor pelas armas tratado de fronteiras e a livre navegação no rio Paraguai, as proclamações que o presidente paraguaio lançou ao país e às suas tropas antecipavam um eventual combate e o provável fracasso paraguaio no confronto.

Em 21 de fevereiro de 1855, Carlos Antonio anunciava à população a disposição do governo de fazer, segundo O’Leary, “toda concesión compatible con el decoro de la República y sus intereses” para impedir a guerra com o Império do Brasil e propunha que, no dia anterior, talvez já ocorrera combate da esquadra “con nuestra batería de Humaitá”. Destaque-se que foi precisamente nessa conjuntura que se iniciara apressadamente a constituição das defesas naquele ponto do rio Paraguai, sem ter havido o proposto apoio anterior do Império àquela iniciativa.<sup>16</sup>

Prevedo um possível insucesso, o presidente paraguaio afirmava que, fosse qual fosse “la suerte de las armas” ficariam desde já “a salvo el honor del país y sus intereses”. No mesmo dia, proclamação ao exército concluía-se com igual proposta precaucional, raiando ao derrotismo: “*Soldados*: sea cual fuere la suerte que la Providencia nos depare, nuestra resistencia será una protesta eterna contra la injusticia del Brasil y una gloria inmarcesible, aunque seamos desgraciados.”<sup>17</sup>

Ao contrário do temido pelo presidente Carlos Antonio, não houve combates e as negociações se concluíram em favor do Paraguai, sob a direção de Francisco Solano López, que na sua vida daria indiscutivelmente provas de ser mais hábil diplomata do que

<sup>14</sup> CHAVES, J. C. *El presidente López*. Ob.cit., p. 138.

<sup>15</sup> THOMPSON, George. *La guerra del Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2010.

<sup>16</sup> BENITES, Gregorio. *Anales diplomáticos de la guerra del Paraguay*. Asunción: Munõztino, 1929. p.57; VERSEN, Max Von. *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: Italiana, São Paulo: EdUSP, 1976. p. 103.

<sup>17</sup> O’LEARY, Juan Emiliano. *El Mariscal Solano Lopez*. 3 ed. Asunción: Paraguay, 1970. p. 62.

estrategista militar.<sup>18</sup>

### O Paraguai e o Prata

As duas desastrosas operações no exterior, em 1846 e 1849, constituíram uma reorientação radical da política *francista* de não intervenção no Prata. Durante o seu longo governo, de 1813 a 1840, José Gaspar de Francia sempre privilegiara política defensiva, no interior das fronteiras nacionais, negando até mesmo apoio à luta federalista de José Artigas [1764-1850], com quem tinha comunhão geral de idéias. O retraimento da política exterior não fora idiosincrasia pessoal do ditador. Ele expressara a luta intransigente pela independência; a oposição da população camponesa às operações militares no exterior; o desinteresse desta última com o contexto platino.

No período colonial, devido à sua pobreza, a província do Paraguai jamais tivera exército profissional, apesar de ter de enfrentar a ameaça expansionista luso-brasileiro. Os homens livres da província prestavam serviço militar periodicamente, custeando sem paga os gastos com a alimentação, deslocamento, cavalos, roupas, etc. Um serviço que, podendo prolongar-se por meses, pesava na economia dos chacareros, que dispunham essencialmente da força de trabalho familiar.<sup>19</sup>

Já em 1811, para enfrentar a expedição portenha, mobilizaram-se mais de dez mil homens, a “costa de ellos mismos y con total abandono de sus particulares ocupaciones y atenciones”, pois “nunca se les efectuó a paga”, já que, após os combates, eles foram despachados pelo governador espanhol Bernardo de Valasco y Huidobro [c.1765-c.1822], sem retribuição pelos oito meses de serviço militar. Durante a mobilização, “ganados, caballadas y carruajes, todo se tomaba y se quitaba por fuerza o de grado, y todo se consumía o se perdía sin paga, sin compensación y sin arbitrio”, como a Junta governativa paraguaia reconheceu, em ofício de 26 de setembro de 1811.<sup>20</sup>

A ojeriza da população plebéia rural aos conflitos exteriores refletia também seu desinteresse quanto ao comércio do Prata. A exportação era fundamental aos segmentos sociais proprietários ligados à produção sobretudo da erva mate, fumo e couros. O mesmo não ocorria com os chacareros, que praticavam economia de subsistência produzindo escasso excedente, escoado local e regionalmente. A produção doméstica, artesanal e pequeno-mercantil tinha também contradições com o grande comércio platino, que introduzia no país a menor preço os produtos por ela produzidos.

A organização pelo francismo de exército profissional, que consumia a maior parte dos magros ingressos do país e da produção das estâncias públicas, e o retraimento em relação às disputas do Prata satisfizeram reivindicação tradicional das classes plebéias rurais. Desde então, elas ficaram isentas do serviço militar e da convocação para operações militares no exterior, o que fortaleceu o dinamismo que conheceram sob o período francista.

<sup>21</sup>

A partir de 1842, a ordem lopista expressou a retomada da produção mercantil, com forte aceleração em 1852, após a derrota de Juan Manuel de Rosas em Monte Caseros e a liberação do comércio internacional do país. O novo dinamismo dos interesses mercantis e

<sup>18</sup> TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. *A primeira guerra do Paraguai: a expedição naval imperial ao Paraguai de 1854-1855*. Passo Fundo: Méritos, 2012. pp. 112 et seq.

<sup>19</sup> SCHUPP. *Iglesia y estado en el proceso de emancipación política del Paraguay (1811-1853)*. 2 ed. Asunción: Edombosco, 1997. p. 44.

<sup>20</sup> GARAY, Blas. *El comunismo de las Misiones; La revolución de la independencia del Paraguay*. Asunción: Instituto Colorado de Cultura, 1975. p. 176; WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en America Paraguay: 1810-1840*. Asunción: Carlos Schauman, 1989. p. 42.

<sup>21</sup> SILVA, Raul de Andrada e. [1905-1991]. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai: 1814-1840*. São Paulo: Ed Universidade de São Paulo, 1978. pp.183 et seq.

exportadores tornava imperiosa a manutenção da ligação ao mercado mundial. A consolidação dos proprietários e comerciantes exportadores ensejou a perda de influência no governo e no Estado da pequena propriedade rural e da produção doméstica, artesanal e pequeno-manufatureira, sustentáculos do francismo.

Em 1962, em sua pioneira interpretação sintética da formação social paraguaia, Oscar Creydt assinalou que os “intereses de los comerciantes exportadores y de los estancieros” passaram a ter maior influência, sob o governo de Carlos Antonio, do que no período francista.<sup>22</sup> Mesmo favorecendo a grande propriedade, o lopismo jamais empreendeu uma expropriação substancial dos chacareros, apesar de sua política apontar tendencialmente em tal direção. Nesse sentido, em 7 de outubro de 1848, Carlos Antonio dissolveu e confiscou as terras e os gados das *aldeias de índios*.<sup>23</sup>

### Uma Guerra Breve

Havia certeza entre o alto comando do Império do Brasil, da Argentina mitrista e do Uruguai florista que a derrota das tropas paraguaias exigiria escasso tempo e recursos. A percepção da fácil vitória sobre o Paraguai foi celebrizada por Bartolomé Mitre [1821-1906], em seu célebre discurso, quando do ingresso da Argentina no conflito, proferido do balcão de sua residência, no centro de Buenos Aires, tido em geral como mera bravata: “[...] en tres días en los cuarteles, en tres semanas en el campo de batalla y en tres meses en Asunción”.

No Brasil, foi muito forte o movimento de arrolamento de voluntários para defender os brios e as honras do Império violados em suas fronteiras, sobretudo entre os segmentos ditos superiores da população, apoiado na certeza de uma guerra breve contra o frágil Paraguai. Em 14 de setembro de 1866, em viagem ao frente de batalha, o engenheiro militar Benjamin Constant [1836-1891] registrou seu temor de a guerra concluir-se antes que chegasse, limitando-se ele a “atacar foguetes após o fim da festa”.<sup>24</sup> A visão aliancista de uma guerra rápida, verdadeiramente “insignificante”, fora corroborada pelos combates de Yatay, em Paso de los Libres, e na rendição de Uruguaiana, sem combate, em agosto e setembro de 1865.<sup>25</sup>

Em 17 de agosto de 1865, no arroio Yatay, nas proximidades da vila de Paso de los Libres (Restauración), travou-se a primeira e única grande batalha da campanha expedicionária paraguaia. Comandadas por Venancio Flores, as tropas, com mais de oito mil homens – 2.440 orientais; 4.500 argentinos; 1.450 imperiais –, postaram-se diante dos pouco mais de três mil infantes e cavaleiros paraguaios. Os aliancistas dispunham de 32 peças de artilharia, os paraguaios, nenhuma!

Em Ombucito, nas proximidades de Paso de Los Libres, no comando das tropas lopistas, o major Pedro Duarte tentou servir-se do terreno irregular e alagado pelas chuvas incessantes para se proteger de ataque frontal da infantaria e cavalaria inimiga. Dispôs linha dispersa de atiradores e, após ela, colocou o grosso dos infantes e da cavalaria por detrás de pequena elevação, diante do arroio Yatay, o que impedia retirada e expunha seu flanco direito. Imperfeitas trincheiras foram construídas para a defesa dos atiradores.

<sup>22</sup> CREYDT, Oscar. *Formación histórica de la nación paraguaya: pensamiento y vida del autor*. Asunción: ServiLibro, 2007. p. 98.

<sup>23</sup> PASTORE, Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Asunción: ed Intercontinental, 2008. p. 93.

<sup>24</sup> LEMOS, Renato (Org.). *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN; Museu Casa de Benjamin Constant, 1999. p. 34; MAESTRI, Mário. *A Guerra no Papel: História e Historiografia da Guerra no Paraguai. (1864-1870)*. Porto Alegre: LCM Editora; Passo Fundo, PPGH UPF, 2013. pp. 95-106.

<sup>25</sup> PALLEJA, León de. *Diario de la campaña de las fuerzas aliadas contra el Paraguay*. Montevideo: Biblioteca Artigas, 1960. Vol. I, p.101.

Os combates iniciaram-se às dez horas da manhã, com precipitado assalto às trincheiras paraguaias pelos batalhões de infantaria oriental – *Florida, Vinte Quatro de Abril, Voluntarios Garibaldinos, Libertad* –, em uniforme de parada, comandados por León de Palleja (1816-1866), militar espanhol ao serviço de Venancio Flores, autor de valioso diário da campanha, interrompido quando de sua morte em combate. Os batalhões argentinos e brasileiros eram comandados pelo general Wenceslao Paunero, de 65 anos, oriental a serviço do exército mitrista.

### Um Coronel Apressado

Conta a tradição que Palleja precipitou-se no ataque, sem esperar o trabalho da artilharia aliancista, pois acharia pouco ético servir-se daquela arma não dispendo os adversários da mesma! É mais crível que, postada na pendente posterior de elevação do terreno, o grosso das tropas paraguaias estivesse protegido dos tiros diretos da artilharia, até que ela pudesse ser avançada. A linha dos atiradores paraguaios foi rapidamente liquidada, permitindo o confronto direto entre os batalhões, após poucas descargas de rifle, seguidas de ataque à baioneta, como era normal, devido ao tempo requerido para a recarga dos fuzis.

Comandada pelo coronel Duarte, uma primeira carga da cavalaria paraguaia sobre a cavalaria inimiga e infantas impactou os atacantes, obrigando a alguns corpos da infantaria aliancista a formarem quadro. Entretanto, a força da superioridade do número e a terrível metralha dos canhões aliancistas impuseram-se inexoravelmente. Após a entrada em força dos batalhões atacantes, o combate se encerraria, por volta das 13 horas e 30 minutos.

Segundo o oficial-historiador argentino José Ignacio Garmendia [1841-1925], após o fim dos combates, por mais uma hora, houve massacre impiedoso dos soldados lopistas, em pequenos grupos ou individualmente, já incapazes de resistir, até que o “brazo cansado no podia ya dar muerte o no encontra[ba] a quien darla”.

Irremediavelmente derrotado, o major Duarte aceitou o oferecimento do general Paunero de rendição. A desproporção entre as mortes aliancistas e paraguaias, assim como entre os soldados lopistas feridos/prisioneiros e os mortos, não deixam dúvida sobre o sentido de confronto que Garmendia propunha ter sido mais uma “carnicería” do que uma “batalla”.<sup>26</sup> Em 24 de dezembro, o *Evening Star*, de Londres, noticiava sobre a sorte dos paraguaios, após o confronto em Yatay: “*Mil cuatrocientos paraguayos yacían allí sin haber recibido sepultura: los más de ellos tenían las manos atadas y la cabeza destroncada.*”<sup>27</sup> Francisco Solano López determinara a degola dos prisioneiros de guerra no Rio Grande do Sul, até porque não havia como mantê-los detidos, a centenas de quilômetros da retaguarda paraguaia. Em 5 de agosto, os soldados imperiais presos quando da ocupação de Uruguaiana foram degolados em uma coxilha próxima à vila.<sup>28</sup>

Apenas uma centena de paraguaios teria alcançado a atravessar o rio Uruguai e juntar-se ao grosso das tropas lopistas em Uruguaiana. Um mil e quinhentos lopistas foram aprisionados e talvez 1.700 morreram em combate e, sobretudo, após o confronto, degolados, fuzilados, etc., como proposto. As tropas aliancistas tiveram menos de noventa mortos! Apenas a intervenção do general Paunero teria salvado o major Duarte da morte, em mãos de Venancio Flores.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay: La campaña a Corrientes y Río Grande*. Vol. 1. Corrientes: Amerindia, 2012. p. 175.

<sup>27</sup> CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1987. p. 126.

<sup>28</sup> GAY, João Pedro [1815-181]. *Invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Comentada e editado pelo major Sousa Docca. Porto Alegre: IEL/EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. p. 116.

<sup>29</sup> CENTURIÓN, J. C. *Memoria [...]*. Ob.cit. p. 175 et seq; SCHNEIDER, L. *A Guerra [...]*. Ob.cit., p. 284.

Os talvez duzentos orientais *blancos* foram fuziladas como traidores, por ordem de Venancio Flores, que integrara como oficial as tropas portenhas, havia poucos anos. Foram passados pelas armas igualmente os combatentes correntinos federalistas, como anotou, justificando a execução, o coronel León de Palleja: “Aquí tenían también un contingente de correntinos auxiliares, que todos han perecido como traidores [sic].”<sup>30</sup>

### As Razões de Duarte

Especialistas discutem a razão do major Pedro Duarte em aceitar combate em que a dissimetria numérica e a falta de artilharia paraguaia determinavam inexoravelmente o resultado. Questionam também haver colocado as tropas *antes*, e não *após*, o arroio Yatay, o que impedia qualquer retirada. Discute-se a razão de não ter juntado sua coluna ao grosso da tropa expedicionária, em Uruguaiana, com a aproximação e convergência dos batalhões de Venancio Flores e do general Wenceslao Paunero [1805-1871].

O major Pedro Duarte realizara a mobilização e o treinamento das tropas que conformaram a expedição ao Rio Grande do Sul. Entretanto, o comando maior da coluna expedicionária foi entregue ao tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia. Tido como militar profissional e disciplinado, Duarte obedeceu sempre à ordem precisa de Solano López de não acampar nas aglomerações urbanas conquistadas, para não ser sitiado pelas tropas antagônicas. Instrução desobedecida por Estigarribia, em 5 de agosto de 1865.

Muitas opções de Duarte foram determinadas por Solano López e, sobretudo, por Estigarribia, seu superior imediato. Ao declarar não ter condições de enfrentar sem reforços os aliancistas, e colocar à disposição de Estigarribia canoas para enviá-los, o major Duarte recebeu como resposta a ameaça de substituição por covardia. Estigarribia teria mandado dizer: “Dígale al mayor Duarte que si está con el ánimo caído y venga a hacerse cargo de la fuerza de la Uruguayana que yo ire a librar la batalla [...]”<sup>31</sup> Os fatos sucessivos mostrariam a nula disposição de luta de Estigarribia.

A decisão e a responsabilidade pelo combate desigual não couberam ao major Pedro Duarte, mas ao tenente-coronel Estigarribia. Apesar do vaporzinho imperial que policiava aquele trecho do rio Uruguai, antes e durante o combate, havia condições para transferir as tropas para a outra margem ou para que de lá chegassem reforços ou alguma artilharia, o que jamais aconteceu. Pedro Duarte e seus homens foram mandados ao combate e literalmente abandonados pelo tenente-coronel Estigarribia. Sobre as razões de tal procedimento, podemos apenas conjecturar.

Estigarribia era membro de tradicional família paraguaia – um Estigarribia, salvo engano, seu avô, fora o médico pessoal e confidente do doutor José Gaspar de Francia e participara das articulações políticas após a morte do ditador perpétuo.<sup>32</sup> Em 1854 e 1859, o tenente-coronel acompanhara Francisco Solano López, respectivamente, na intermediação entre Urquiza e Mitre e na viagem à Europa, contando da amizade e da proteção do *mariscal*, de quem seria um *habitué*.

### Estigarribia Não Quer Briga

Dois dias após a derrota de Yatay, Estigarribia abandonou Uruguaiana com suas tropas, encenando tentativa de rompimento do cerco. Entretanto, ao “invés dos outros chefes paraguaios, que [mais tarde] não hesitaram em suas resoluções nem se deixavam soffrear por

<sup>30</sup> PALLEJA, León de. *Diario [...]*. Ob.cit., p. 86.

<sup>31</sup> GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Ob.cit., p.173; SCHNEIDER, L. *A Guerra [...]*. Ob.cit., p.282.

<sup>32</sup> PINEDA, Oscar. *Cronología básica de la historia paraguaya: 1492-2009*. Asunción: don Bosco, 2009. p.34; GARAY, Bras. *Compendio elemental de historia del Paraguay*. Asunción: Escuela Militar, 1929. p.183.

consideração alguma, não aceitou [...] o combate”. Estigarribia retornou prontamente a Uruguaiana, logo que lhe tentaram barrar o avanço, como era previsível. Após aquele movimento, ele noticiou a López comunicando não ter condições de avançar sem reforços.<sup>33</sup>

Tratar-se-ia de mais uma decisão militar surpreendente, já que Estigarribia deixara suas defesas, expondo-se a que a vila fosse ocupada pelo inimigo, para retornar a Uruguaiana, após poucos quilômetros de marcha, quando as ainda limitadas forças aliancistas fizeram-lhe frente. Esperava o tenente-coronel que lhe dessem passo livre para retornar ao Paraguai? A tentativa tratou-se de movimento realizado apenas por pressão de oficiais e soldados? Ele teria podido se comportar dessa maneira, com o major Pedro Duarte como seu segundo? Não sabemos.

Os historiadores e comentaristas do cerco de Uruguaiana têm destacado as respostas aceradas de Estigarribia às propostas de rendição enviadas logo após a derrota de Yatay. Quase certamente elas foram da autoria do capelão-mor da expedição, igualmente secretário de Estigarribia, o padre franciscano Santiago Esteban Duarte López, já que o tenente-coronel se expressaria verbalmente com dificuldade em espanhol e, certamente, não escreveria com correção naquela língua. Em 6 de setembro, León de Palleja registrava em seu diário ter reconhecido a letra do padre Duarte López na resposta de Estigarribia à proposta de rendição.<sup>34</sup> Um dos irmãos Salvañach foi igualmente tido como responsável pela redação dos “ofícios que Estigarribia assinava”.<sup>35</sup>

Aquele sacerdote era um intransigente lopista, reconhecido como tal pelo alto comando aliancista, que lhe pressionava pela rendição, pessoalmente, no mínimo, desde 20 de agosto.<sup>36</sup> Mais tarde, o padre Duarte López oporia-se à entrega de Uruguaiana sem luta. Na época, segundo o cônego franco-brasileiro João Pedro Gay, que noticiou praticamente em direta a invasão do Rio Grande pelos paraguaios, ele teria uns “trinta e tantos anos”, seria “branco, de estatura regular, grosso de corpo, alegre, pouco conversador e mui vivaz”. Após a rendição, o padre Gay protagonizou cena constrangedora, ao investir contra o frade paraguaio, injuriando-o e ameaçando-o de rebenque na mão, diante do Imperador.<sup>37</sup>

### Um Arremedo de Exército

Momentos antes da rendição de Uruguaiana, León de Palleja propunha, reafirmando seu pouco apreço pela capacidade militar das tropas inimigas, nascido sobretudo do combate de Yatay: “Puede ser que me engañe, pero le damos más importancia que la que merece a este enemigo estúpido, que tanto trabajo le cuesta moverse y emprender operaciones estratégicas, que están en práctica entre los soldados más ignorantes.”

Após aquela batalha, o coronel espanhol avaliara duramente o exército e o soldado paraguaio. “El ejército paraguayo es estúpido y animal; soldado que resiste bien, pero que

<sup>33</sup> SCHNEIDER, L. *A Guerra [...]*. Ob.cit., p. 294; SOUZA, Ten.-cel. Augusto Fausto de. [1835-1890]. *A Redenção de Uruguaiana*. Rio de Janeiro: J. Leite. Sd. [1885]. p. 5.

<sup>34</sup> GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Ob.cit., p. 194; PALLEJA, León de. *Diario de la [...]*. Ob.cit., p.115; THOMPSON, George. *A Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968. p. 97.

<sup>35</sup> SOUZA, A. F. de. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., p. 22.

<sup>36</sup> Carta do barão de Jacuí, ao padre capelão do exército invasor, 20 de agosto de 1865. ESTIGARRIBIA, Antonio. Ocupação de Uruguaiana: diário militar. *Revista Militar Brasileira*, ano LI, n. 4, out.-dez.1965, vol. XCCVIII, p. 190.

<sup>37</sup> EU, Luís Felipe [...] de Orléans, Conde d’ [1842-1922]. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.p.100; MAESTRI, Mário. O singular relato do cônego João Pedro Gay sobre a Invasão Paraguaia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. *Revista Estudos Historicos, CDHRP, Año IV, nº 9, Uruguay, Diciembre 2012– ISSN: 1688 – 5317. <http://www.estudioshistoricos.org/>; MAESTRI, Mário. *A Guerra no Papel: História e Historiografia da Guerra no Paraguai*. (1864-1870). Ob.cit., pp.41-167.*

no ataca. En las fisonomías se ve pintada la indolencia y estupidez que los caracteriza; están sucios y desnudos casi de medio cuerpo abajo. Apestan sus personas como los indios pampas.”<sup>38</sup>

A avaliação negativa e preconceituosa registrava certamente o ânimo e a situação dos combatentes paraguaios, após longa marcha, em terreno inóspito, sob frio terrível e chuvas incessantes, vestidos com os chiripás próprios ao clima quente, sem disporem de barracas, mal alimentados e mal abastecidos. Mais tarde, já no Paraguai, o coronel espanhol reconsiderou sua apreciação, reconhecendo a destemerdade e a capacidade de iniciativa dos soldados paraguaios que morreriam combatendo em defesa de sua terra. Ele próprio seria vítima da encanizada defesa paraguaia, falecendo, em 18 de julho de 1866, quando da batalha do Boqueirão do Sauce.

Tamanha era a inclemência de inverno que, nos dias seguintes ao combate de Yatay, León de Palleja anotaria soldados orientais, cavalos e bois mortos de frio e semi-inanição, apesar das condições de abastecimento relativamente superiores das tropas do Uruguai em relação às do Paraguai!<sup>39</sup> Vinte anos após os sucessos, o então tenente-coronel Augusto Fausto de Souza relatava as duras condições suportadas pelas tropas aliancistas: “A estação invernos, irregularíssima, nos dava depois de manhãs de sol abrasador, tardes tempestuosas seguidas de forte chuva e noites frigidíssimas, tornadas mais cruéis pelo terrível minuano que enregelava os corpos, a ponto de pôr em risco a vida dos das desabrigadas sentinelas e vedetas [...]”<sup>40</sup>

Na madrugada de 19 de agosto, dois dias após a derrota de Yatay, como vimos, os paraguaios tentaram saída, retornando a Uruguaiana para não dar combate. No dia seguinte, Estigarribia *respondeu* em forma marcial a pedido de rendição, recebido na véspera. No mesmo dia, as tropas argentinas e uruguaias começaram a cruzar o Uruguai para reunir-se ao cerco, tendo o transbordo sido completado talvez apenas em inícios de setembro. Em 31 de agosto, ao meio dia, aportou diante de Uruguaiana esquadilha comandada por Tamandaré, composta de quatro vapores, lanchões e talvez dois mil praças de pré. Então, mais de 17 mil soldados cercavam Uruguaiana. Os paraguaios seriam uns seis mil homens.<sup>41</sup>

Sem encetar qualquer confronto com as tropas aliancistas, Estigarribia enviou, em 21 de agosto, mensageiros para pedir ajuda a Wencelao Robles, já destituído e preso, para romper o cerco. A prisão dos mesmos foi prontamente comunicada ao oficial maior paraguaio, a fim de contribuir para sua desmoralização. Em 30 de agosto, o coronel León de Palleja escrevia em seu diário: “El enemigo permanece inerte, nada intenta, nada emprende; solo se ocupa en despejar sus frentes e incendiar casas.”<sup>42</sup>

Com a derrota de Yatay e o cerco insuperável sem o apoio de forças que se desconfiava que não chegariam, as tropas paraguaias começaram a conhecer deserções crescentes, apesar da distância em que se encontravam da terra natal, sendo que alguns dos *pasados* foram alistados, por bem ou por mal, nas forças orientais floristas e argentinas mitristas.

Se até o dia 28 de agosto, segundo Palleja, nenhum paraguaio se apresentara às tropas orientais, que há muito conheciam deserções, dois dias depois, um oficial e cinquenta soldados paraguaios renderam-se às mesmas, afirmando que se começava a viver penúria na vila, onde se matariam cavalos para alimentar-se. Ao contrário do que os desertores

<sup>38</sup> PALLEJA, León de. *Diario [...]*. Ob.cit., pp. 141, 85.

<sup>39</sup> Id.ib. p. 101.

<sup>40</sup> SOUZA, A. F. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., p. 8.

<sup>41</sup> GAY, João Pedro [1815-181]. *Invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Comentada e editado pelo major Sousa Docca. Porto Alegre: IEL/EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. p. 123.

<sup>42</sup> FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. Vol. 2, p. 221; PALLEJA, León de. *Diario [...]*. Ob.cit., p. 105.

propunham – e retido comumente pela historiografia –, quando da rendição, as tropas encerradas em Uruguaiana dispunham ainda de quatrocentos equinos, alguns bois, açúcar e bebida, ou seja, alimentação para além de duas semanas.<sup>43</sup>

### Confraternizando com o Inimigo

Desde 20 de agosto, Juan Pedro Salvañach e Thomas Zipitría, oficiais orientais nas tropas paraguaias, cartejavam com o inimigo. No dia 24, autorizado por Estigarribia, Salvañach aceitava encontro com o barão do Jacuí, com o qual passaria, a seguir, a discutir, praticamente “*todos los días*”, sobre eventual rendição. Em inícios de setembro, o próprio Estigarribia escrevera a Mitre propondo estar disposto a “evitar derramamento de sangue” e que não aceitara a rendição devido às propostas “*indecorosas*” que lhe haviam sido feitas.<sup>44</sup>

Em 5 de setembro, o oficial legionário paraguaio Juan Francisco Decoud, segundo chefe da Legião Paraguaiá, escreveu ao seu “patrício” e velho amigo, o tenente-coronel Estigarribia, pedindo-lhe reunião, se possível, em “companhia do presbítero Duarte”. Sem resposta, Decoud enviou novamente longa carta, ameaçando agora o “prezado amigo e patrício”: “A Tríplice Aliança e nós, os paraguaios livres, também lhe pediremos conta exata do destino muito medonho de tantos irmãos que perecerão se V. se obstinar em seus propósitos.”

Na missiva, Decoud sugeria a possibilidade de Estigarribia conhecer nas mãos de Solano López a sorte do general Robles – “preso e, segundo de diz, fuzilado vilmente em Humaitá” –, já que, “pelo simples fato de ter dado ouvidos a propostas honrosas”, como as que recebia e respondia, seria tratado como traidor. Decoud imprecava igualmente contra o presbítero Duarte, definido como “funesto conselheiro”, a quem também ameaçava, procurando estabelecer a divisão no alto comando paraguaio.<sup>45</sup>

As ameaças teriam alcançado resultado, já que, possivelmente no dia seguinte, no contexto de pedido paraguaio para que os civis pudessem se retirar da vila, o coronel Fernando Iturburu e o comandante Juan Francisco Decoud entrevistaram-se em Uruguaiana com Estigarribia, recebendo “multiplicadas muestras de aprecio, no solo” de parte do tenente-coronel “sino de sus subordinados”.<sup>46</sup>

Na ocasião, Iturburu explanou-se longamente sobre a inevitabilidade da rendição; sobre a guerra realizada exclusivamente contra a ditadura de Solano López; sobre as benignidades da ordem liberal; sobre os altos objetivos patrióticos dos legionários; sobre as responsabilidades históricas de Estigarribia. O comandante em chefe da expedição paraguaiá teria abraçado o coronel Fernando Iturburu Machain, chefe da Legión Paraguaya, e declarado em guarani: “Compañeros yo les contestaré más tarde, tengo que consultar a los míos *cuyas opiniones están divididas.*”<sup>47</sup>

Estigarribia *confraternizava* com o inimigo e reafirmava sua propensão à rendição. Seu comportamento era possivelmente determinado, condicionado ou facilitado pelo baixo moral geral das suas tropas, isoladas em Uruguaiana, a centenas de quilômetros de Corrientes, após longa e dilacerante marcha, lutando guerra de razões dificilmente compreendidas pelos soldados.

Uma situação de dilaceração material e psicológicas das tropas paraguaias que possivelmente influenciara Estigarribia na sua decisão de desobedecer as ordens do *mariscal* ao atravessar o rio Ibicuy para ir conquistar, se abastecer e se refugiar na vila de Uruguaiana.

<sup>43</sup> PALLEJA, León. *Diario [...]*. Ob.cit., pp. 103, 140.

<sup>44</sup> Id.Ib. p. 105; ESTIGARRIBIA, A. Ocupação de Uruguaiana. Ob.cit., p. 189.

<sup>45</sup> Carta de João Francisco Decoud a Estigarribia, 7 de setembro de 1865. ESTIGARRIBIA, A. Ocupação de Uruguaiana. Ob.cit., p. 192.

<sup>46</sup> PALLEJA, L. *Diario [...]*. Ob.cit., p. 119

<sup>47</sup> GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Ob.cit., pp. 212 *et seq.*

Decisão tomada eventualmente sob a surda pressão de soldados e oficiais que, mais tarde, se pronunciaram em favor ou se submeteram à decisão de rendição sem luta.

Ao reafirmar a orientação tomada por Estigarribia, Solano López destacaria Uruguaiana como mero ponto de abastecimento: “Ya que Ustedes no ha cumplido mis ordenes y ha pasado el Ibicuí, se le ordena nuevamente continúe la marcha hasta la Uruguayana, donde se hará de víveres y en seguida pasará a Alegrete, previniéndose como antes, de no acampar dentro de las poblaciones para evitar ahí el peligro de ser sitiado por el enemigo.”<sup>48</sup> Destaque-se que o coronel Pedro Duarte obedeceu aquela instrução, acampando fora da povoação de Paso de los Libres.

A segunda desobediência frontal de Estigarribia às ordens de Francisco Solano López, ao se arrancar comodamente em Uruguaiana, talvez expressasse sua decisão de não mais avançar sem a chegada das tropas de Wencelao Robles. Louis Schneider assinalou sobre a ocupação da vila: “Os paraguaios aboletados nas casas da vila, estavam abrigados da inclemência do tempo, e dispunham de copiosas provisões, acumuladas pelos brasileiros para uso de suas tropas”, e ali deixadas irresponsavelmente.<sup>49</sup>

### Momentos Finais

Diante de nova recusa de rendição, com honras de guerra para os oficiais, os comandos superiores imperial, argentino-uruguaio passaram a disputar o privilégio de comandar o ataque, regulado pelo Tratado da Tríplice Aliança, mantido em segredo. Em 2 de setembro, Tamandaré e Porto Alegre afirmavam que lhes cabia o comando da operação, já que em território brasileiro; Flores – que publicara Ordem do Dia saudando seus soldados como os vencedores de Uruguaiana – e Paunero propunham que o assalto à Uruguaiana era continuação da campanha iniciada em território da Confederação. Divergia-se também os generais no tempo do assalto: Flores queria proceder imediatamente, o almirante Tamandaré e o general Porto Alegre, postergar o ataque, certamente insatisfeitos com a possibilidade da libertação da vila sob o comando de Venancio Flores.

Finalmente, enviou-se nova intimação à Estigarribia, outra vez rejeitada, em 5 de setembro. Planejou-se ataque para 7 de setembro, aniversário da independência do Brasil, em 1822, não realizado. Em 10 de setembro, chegando ao acampamento o general Bartolomé Mitre e o ministro da guerra do Império, Angelo Ferraz, os ânimos se pacificaram relativamente. O ataque foi postergado novamente para 11 de setembro, devido à chegada iminente de dom Pedro e o séquito imperial, entre os quais se encontravam seus genros europeus, o conde d’Eu e o duque Saxe e o marechal marquês de Caxias.<sup>50</sup>

Com a presença do Imperador, ficaram resolvidas as contradições sobre o comando do ataque. Conta a tradição que o Imperador teria dito a Bartolomé Mitre: “Eu mando, você fará”.<sup>51</sup> Nesse momento, já se consolidaria entre o comando e as tropas paraguaias a disposição de não dar combate. Entretanto, havia ainda a esperança de escapar ao cerco.

Com materiais recolhidos na cidade, construíram-se mais de cem chatas, de capacidade de cinquenta passageiros cada, para fuga através do rio Uruguai. Houve divergência sobre o destino que se tomaria. Os oficiais paraguaios propunham seguir para Corrientes, em direção do Paraguai. Os orientais, queriam descer o rio e desembarcar na costa uruguaia, prometendo levantar a população oriental. A fuga foi marcada para a noite de 15 de setembro.

<sup>48</sup> Id.ib. p. 170

<sup>49</sup> SCHNEIDER, L. *A Guerra [...]*. Ob.cit., p. 280.

<sup>50</sup> SOUZA, A. F. de. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., p. 9; TASSO, F. *História [...]*. Ob.cit. p. 222; GAY, J. P. *Invasão [...]*. Ob.cit. p. 125..

<sup>51</sup> MARCO, Miguel Angel. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Asunción: Emecé. 2007. p. 28; GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Ob.cit., p. 220.

A construção das embarcações não passara despercebida aos aliancistas. Em 8 de setembro, Palleja anotava: “De noche se oye en la Plaza un continuo martilleo de carpintería, lo que hace creer estén construyendo canos y balsas [...]”.<sup>52</sup> Um desertor revelou a data da partida na véspera do dia 15, colocando-se a marinha imperial em prontidão.<sup>53</sup> Entretanto, no dia 13, Estigarribia escrevera a Mitre, sem receber resposta, pedindo condições melhores para a rendição.<sup>54</sup>

Na madrugada de 18 de setembro, em seus melhores uniformes, os batalhões postaram-se diante de Uruguaiana. Os generais aliancistas teriam já certeza da rendição. Dois *pasados* apenas chegados ao acampamento declararam que na véspera “havia grande descontentamento” entre os defensores, que manifestavam “disposições de não querer brigar”. Oficial recolhido por barco imperial junto a *pasados* afirmara que as filas paraguaias estavam reduzidas “à última desgraça e miséria, que mais da metade da tropa estava com vontade de se passar” ao inimigo, “o que não tinham realizado por temor dos seus chefes.”<sup>55</sup>

### Salve-se Quem Puder

Às seis horas da manhã, os batalhões se moveram, sob o som animador de suas bandas de música.<sup>56</sup> Ao aproximar-se o meio-dia, os exércitos imperial, argentino e uruguaio encontravam-se dispostos, em torno da vila, a um tiro de fuzil das defesas – uns duzentos metros –, sob o alcance da artilharia paraguaia, que se mantinha silenciosa. Dois oficiais teriam escrito cartas ao coronel Antônio Fernandes Lima, que se ocupara dos contatos com os paraguaios, e ao major Antonio Mansio Ribeiro, propondo o abandono da luta, durante o combate, caso se lhes garantissem a vida. Para tal, “indicavam os sinais que os fariam reconhecer”. Nesse momento, por mortes devido a doenças e deserções, as tropas paraguaias eram já inferiores a seis mil homens.<sup>57</sup>

Ao meio dia, o comando aliancista enviou missiva ao tenente-coronel Estigarribia, levada pelo capitão Manuel Antonio da Cruz Brillhante, dando-lhe duas horas para reder-se. Pouco antes de expirar o prazo, o comandante paraguaio pediu mais meia hora, para “formular a resposta à intimação”. Nesse então, o batalhão 31, comandado pelo tenente Francisco Balbuena, teria decidido sublevar-se, caso não houvesse rendição, “matando o Frade Duarte, o Tenente-Coronel Estigarribia e outros oficiais opostos ao arreglo [...]”. Enquanto os oficiais paraguaios deliberavam, os soldados fugiam cada vez mais numerosos para as linhas inimigas, protegidos pela cavalaria rio-grandense – os “hacendados brasileños”, segundo León de Palleja.<sup>58</sup>

Estigarribia aceitou a oferta de rendição, sob a condição de os oficiais tomarem o destino que quisessem, fora do Paraguai, e fossem sustentados pelas tropas aliancistas, como era de praxe. Exigiu também que os oficiais orientais tivessem a vida garantida e fossem reconhecidos como prisioneiros de guerra. Apenas seu pedido para que seus oficiais mantivessem as armas pessoais foi negado. Segundo parece, o capelão-mor Duarte López e oficiais orientais teriam proposto a resistência até a morte, se necessário.<sup>59</sup>

<sup>52</sup> PALLEJA, León. *Diario [...]*. Ob.cit., p. 119.

<sup>53</sup> GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Ob.cit., p. 220; PALLEJA, L. de. *Diário [...]*. Ob.cit., p.139.

<sup>54</sup> GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Ob.cit.,p.221.

<sup>55</sup> GAY, João Pedro [1815-181]. *Invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Comentada e editado pelo major Sousa Docca. Porto Alegre: IEL/EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. p. 132.

<sup>56</sup> SOUZA, A. F. de. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., p. 17.

<sup>57</sup> GAY, J. P. *Invasão paraguaia [...]*. Ob.cit. p. 133; PALLEJA, León de. *Diário [...]*. Ob.cit., p. 141; SOUZA, A. F. de. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., p. 20.

<sup>58</sup> PALLEJA, León de. *Diário [...]*. Ob.cit., p. 141.

<sup>59</sup> SCHNEIDER, L. *A Guerra [...]*. Ob.cit., p. 300.

Nesse ínterim, diante do Imperador e de Bartolomé Mitre, o capitão paraguaio Batista Ibañez, o portador da resposta de Estigarribia, pediu a palavra para revelar sua alma legionária tardia, discursando contra Solano López e em favor dos aliancistas. “[...] que estavam cansados de servir ao Governo do Paraguai, que tinha escravizado todo aquele país, que ele e seus patrícios suspiravam desde muitos anos por um salvador que libertasse a sua pátria, e que reconheciam que Deus lhe enviava esse salvador na pessoa de Sua Majestade o Imperador do Brasil [...]”<sup>60</sup>

A resposta positiva às condições reivindicadas por Estigarribia deu-se no contexto da confraternização entre soldados aliancistas e paraguaios. Desde a muralha defensiva de Uruguaiana, os soldados proclamavam em alta voz que não pretendiam lutar e queriam render-se. Ninguém entre as tropas lopistas desobedeceu a ordem de rendição sem combate. Na *débâcle* também teria contribuído a certeza que jamais chegariam reforços. León de Palleja lembrara com razão: “Es muy distinto combatir una guarnición abandonada y destituida de todo auxilio extraño, a combatir ocho mil [sic] hombres que esperan por momentos ser socorridos [...]”<sup>61</sup>

### Uruguaiana Reconquistada

Em meio da tarde de 18 de setembro de 1865, fracassava redonda e ingloriamente a expedição militar lançada pelo governo paraguaio contra o Império e a Argentina mitrista, com a invasão das províncias do Rio Grande do Sul e de Corrientes. Com a entrega solene das armas e das bandeiras, 5.545 paraguaios, segundo o mapa entregue por Estigarribia, 5.190, de acordo a soma aliancista, teriam sido “no dia seguinte repartidos entre os três aliados”. Muitos foram igualmente arrolados na Legião Paraguaia. Estigarribia e os oficiais orientais seguiram para o Rio de Janeiro; o padre Duarte, para Buenos Aires.<sup>62</sup>

Com os 1.300 paraguaios que lhe couberam, Venancio Flores completou e ampliou suas tropas que não conseguia reconstituir; Bartolomeu Mitre preferiu servir-se dos paraguaios como tropas auxiliares. Momentos antes da rendição; membros da cavalaria rio-grandense penetravam nas defesas de Uruguaiana onde retiravam na garupa dos animais jovens e meninos paraguaios certamente para trabalharem em suas estâncias do Uruguai e do Rio Grande do Sul.<sup>63</sup>

Em geral, fora alguns soldados paraguaios utilizados em serviços auxiliares, o Império respeitou o acordo, tratando oficiais e soldados como prisioneiros de guerra. “[...] os que tocaram ao Exército Brasileiro ficaram confiados à guarda de alguns Corpos nossos, porque Sua Majestade o Imperador não julgou conveniente incorporá-los às nossas forças. Apesar do bom trato e dos socorros que se lhes deu, bom número deles sucumbiram [sic] ao sarampo, ao tifo que grassava e aos resultados de seus padecimentos.”<sup>64</sup>

Garmendia recriminou a inclusão de paraguaios nas filas aliancistas: “Hay algo de bárbaro y deprimente en ese acto inaudito, obligar a un soldado a que haga fuego contra su bandera es un hecho sin ejemplo, y aunque fuera voluntario, jamás se debió recibir en las filas de los aliados a un ser tan vil que por su propia voluntad se presta a ese infame papel, formando al lado de los que acababan de derramar a torrentes la sangre de sus compatriotas en una guerra extranjera.”<sup>65</sup>

<sup>60</sup> GAY, J. P. *Invasão paraguaia [...]*. Ob.cit. p. 136; SOUZA, A. F. de. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., p. 21.

<sup>61</sup> PALLEJA, León de. *Diario [...]*. Ob.cit., p. 139; SOUZA, A. F. de. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., p.21 .

<sup>62</sup> SOUZA, A. F. de. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., p. 24.

<sup>63</sup> GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Ob.cit., p. 236.

<sup>64</sup> SCHNEIDER, L. *A Guerra [...]*. Ob.cit., p. Id.ib. p. 149

<sup>65</sup> GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Ob.cit.,p.188.

Na manhã de 19 de setembro, dom Pedro e oficiais maiores visitaram longamente Uruguaiana, ocupada durante 44 dias pelas tropas paraguaias. A aglomeração, fundada, em 24 de fevereiro de 1843, por ordem do governo republicano farroupilha, progredira rapidamente como centro comercial regional, sem deixar de ser um pequeno burgo. Vinte anos após os fatos, o militar imperial Augusto Fausto de Souza descrevia a devastação geral da vila: “Todos os edificios tinham sido mais ou menos arruinados; as portas, janelas, soalhos e forros, haviam sido arrancados para serem empregados na construção das trincheiras e das balsas; os móveis foram quebrados e consumidos como lenha [...]”

A cidade exalava cheiro fétido, devido a sujeira acumulada e às carcaças de cavalos mortos, já em decomposição. Os tetos das moradias estavam “enegrecidos pelo fogo” acendido pelos soldados acampados, enquanto encontravam-se “espalhados pelo chão pedaços de espelhos e de objetos de porcelana, teclas de piano, pés torneados, fragmentos de retratos e gravuras, copos e louças partidos [...]”. O Imperador e seu séquito visitaram o Quartel General de Estigarribia, em moradia na esquina das ruas Independência e do Comércio, igualmente devastada.<sup>66</sup>

### A Derrota da Expedição Lopista

A rendição sem luta do grosso das tropas paraguaias causou grande impressão a Francisco Solano López que, segundo o coronel George Thompson, acusou diante da oficialidade de Humaitá o tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia de trair a pátria por dez mil libras esterlinas. O *mariscal*, que não enviou reforços a Estigarribia, recriminou-o por não ter feito o mesmo ao coronel Pedro Duarte. Em Asunción, foram organizadas pelo governo manifestações de desagravo ao país por rendição vista como traição.<sup>67</sup> A derrota geral da campanha de Corrientes e do Rio Grande do Sul certamente fortaleceu a oposição interna ao governo entre os segmentos das classes proprietárias dissidentes.<sup>68</sup>

Em 3 de outubro, após as derrotas em Riachuelo e Yatay e a rendição em Uruguaiana sem luta, o *mariscal* determinou a José Bergés o abandono da província de Corrientes. De 31 de outubro a 3 de novembro, em vapores e lanchas, as tropas paraguaias retiraram-se, em direção a Humaitá, pelo Passo da Pátria. A difícil travessia não foi hostilizada pela marinha imperial “já muito reforçada”, que se comportou como se protegesse o transbordo.<sup>69</sup>

A intervenção da marinha imperial teria assentado golpe terrível nas forças armadas paraguaias, quando do difícil deslocamento, encurtando certamente o fim da guerra. A contemporização das forças navais do Império, praticamente durante toda a guerra, sob às ordens de seus comandantes máximos, é outro fenômeno militar que ainda espera por uma explicação plausível, por além de adjetivações de cunho subjetivo. Retornaram ao Paraguai em torno de vinte mil homens, dos mais de quarenta mil que teriam partido.

O major inglês George Thompson propôs que, desde o início da mobilização, em janeiro de 1864, além dos doze mil soldados perdidos da coluna Estigarribia, teriam morrido cerca de quarenta mil soldados, em combate, prisioneiros e, sobretudo, devido a doenças [diarréia, disenteria, varíola, sarampo, etc.] Um total de 52 mil homens.<sup>70</sup>

O major prussiano Max Von Versen (1833-1893) propunha os mesmos números: “Além do desfalque dos 12.000 homens do destacamento de Estigarribia, os médicos ingleses orçavam em 40.000 homens as perdas causadas pela disenteria, pela escarlatina,

<sup>66</sup> SOUZA, A. F. de. *A Redenção de Uruguaiana*. Ob.cit., pp.25-6.

<sup>67</sup> THOMPSON, George. *La guerra del Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2010. p. 99.

<sup>68</sup> MAESTRI, Mário. Tribunais de Sangue de San Fernando: O Sentido Político-Social do Terror Lopista. *Revista História: Debates e Tendência*, PPGH UPF, V. 13, n. 1, jan./jun. 2013, pp. 110-135. [prelo]

<sup>69</sup> THOMPSON, George. *La guerra del Paraguay*. Ob.cit., p.99; VERSEN, M. *História da guerra do Paraguai*. Ob.cit., p.80.

<sup>70</sup> THOMPSON, George. *La guerra del Paraguay*. Ob.cit., p.103.

pela bexiga e pela febre chuchu [sic].”<sup>71</sup> Com uma população em torno de 450 mil habitantes, o Paraguai teria, em 1864-5, talvez 130 mil homens entre os 14 e 65 anos e, talvez menos de 60 mil entre 17 e 40 anos. Em 1864-5, Solano López mobilizara a parte substancial dos homens na melhor idade de combater e produzir. Possivelmente não exageramos em dizer que a maior parte da população masculina paraguaia em idade produtiva encontrou-se sob armas, de 1865 a 1869.

### Enorme Mortandade

Mesmo havendo possivelmente exagero nas avaliações de Thompson e Von Versen, teriam sido enormes as perdas motivadas pela destruição-rendição total da coluna Estigarribia-Duarte, pelas mortes por doenças, no exterior e no país, e em combate em Corrientes e Mato Grosso. Antes da batalha de Yatay, as tropas de Estigarribia-Duarte, originalmente de doze mil homens, acrescidos de reforço de mais quatrocentos outros, seriam no máximo nove mil e duzentos soldados, com uma perda, portanto, de mais de 20% das tropas –, sem ter livrado grandes combates. Quando da rendição de Uruguaiana, após Yatay, as tropas aproximavam-se apenas dos seis mil soldados.<sup>72</sup>

Em 29 de abril de 1865, ainda na vila de Encarnación, Estigarribia escrevia ao *mariscal*: “[...] tendo enchido de sepulturas todos os compartimentos do cemitério público desta vila e não havendo mais sepulturas velhas que abrir para enterrar os cadáveres dos militares que vão morrendo no hospital militar, hei combinado com o Vigário Duarte, Capelão-mor do exército e mandei estender mais dez varas nos fundo do dito cemitérios [...]”<sup>73</sup>

O certo é que, no momento do retorno das forças expedicionárias ao Paraguai, perdera-se em combates, na rendição de Uruguaiana e por doenças, partes substanciais das forças armadas de linha e dos melhores homens e melhores armas do país. A defesa do território nacional paraguaio iniciou-se com as reservas humanas tendencialmente esgotadas, com seqüelas ainda não estimadas sobre a capacidade produtiva do país. Por sua vez, o combate de Yatay e a rendição de Uruguaiana lançaram enorme descrédito sobre a capacidade bélica e a combatividade paraguaia, reforçando as avaliações aliancistas anterior sobre aqueles exércitos.

Em 28 de agosto de 1865, o jovem capitão argentino *Dominguito* Sarmiento, filho adotivo-putativo do futuro presidente da Confederação Argentina, escreveu a sua mãe propondo que, após o combate de Yatay, ficara “asegurado que los paraguayos” não eram inimigos dignos dos aliancistas.<sup>74</sup> Em 27 de setembro, com a rendição de Uruguaiana, reiterara que estavam “predestinados a la derrota o a la rendición” total. Não erraria no geral Bartolomé Mitre em propor rápida campanha até a conquista de Asunción.<sup>75</sup>

### Lutando Pela Casa

A guerra que se esperava então breve manteria-se por ainda quase cinco anos e o soldado paraguaio, desacreditado em solo rio-grandense e correntino, mostraria-se no geral um leão, em solo pátrio. Há consenso que a guerra poderia ter terminado antes, com uma maior decisão dos exércitos e, sobretudo, da marinha imperial. Foram perdidas oportunidades únicas, sobretudo no momento do transbordo das tropas paraguaias no Paso

<sup>71</sup> VERSEN. *História da guerra do Paraguai*. Ob.cit., p. 80.

<sup>72</sup> FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. Vol. 2, p. 149.

<sup>73</sup> Parte de Antonio de la Cruz Estigarribia a Francisco Solano López, Encarnación, 29 de abril de 1865. ESTIGARRIBIA, A. *Ocupação de Uruguaiana*. Ob.cit. p. 132.

<sup>74</sup> CARRETERO, Andrés. [Org.] *Correspondencia de Dominguito en la Guerra de Paraguay*. Buenos Aires: El Lorraine, 1975. p.41.

<sup>75</sup> Id.ib., p. 61.

da Pátria, quando da primeira batalha de Tuiutí, em 24 de maio de 1866, e quando da fuga de Solano López de Humaitá e após a derrota geral em Lomas Valentinas, em 27 de dezembro de 1868.

Há igualmente consenso sobre o empenho da população paraguaia, sobretudo rural, em resistência incondicional, após a invasão do país, mesmo em neta inferioridade numérica e material. Uma vontade de luta em clara oposição à demonstrada quando da expedição a Corrientes e ao Rio Grande do Sul. Esse aparente paradoxo constitui fenômeno talvez não de todo surpreendente e inesperado. As causas de tal decisão geral de luta têm sido desconhecidas apenas por dissolveram as explicações tradicionais de guerra travada contra um tirano sanguinário e jamais contra o povo paraguaio.

Em 15 de novembro de 1865, após a batalha de Yatay e a rendição de Uruguaiana, a mãe do capitão argentino *Dominguito* Sarmiento respondia ao esperançoso filho, recomendando-lhe que não cresse em pronta rendição paraguaia. Com perspicácia, ela intuía que, a partir de então, a guerra ganharia um novo e diverso caráter, em desfavor das tropas aliancistas: “López en su casa será mas fuerte de lo que se imaginan.”<sup>76</sup> E juntaríamos – seria certamente ainda menor a disposição do soldado *argentinos* e *brasileiros* em lutar em território inimigo longínquos, após despejadas dos inimigos paraguaios as províncias de Corrientes e do Rio Grande do Sul.

Apesar de seu nacionalismo extremado, a Manuel Dominguez não escaparam igualmente as razões reais da enorme decisão de luta da população paraguaia, após a invasão do país. Depois de descrever fantasiosamente a situação que o Paraguai viveria em 1864, como a de país mais rico e mais feliz de que “cualquier otro pueblo americano”, onde “casi no había analfabetos” e praticamente nenhuma “pobreza”, propõe com relativa razão que cada “familia tenía su casa o choza en terreno propio” – arrendado ao Estado, a particulares ou simplesmente ocupado, agregaríamos.<sup>77</sup>

Manuel Dominguez deduz corretamente a vontade de luta paraguaia da decisão da população camponesa do país de, defendendo a *pátria*, defender o que conquistara, sobretudo durante o período francista. Ele lembrava que “el hogar da cuerpo, forma concreta, sensible, a la idea poco vaga, un poco etérea, de la patria”, já que o “propietario más ignorante comprende que conviene defender el suyo”. Dominguez lembrava que Jules Michelet, o célebre historiador da Revolução Francesa, propusera que “un pueblo se hace patriota con multiplicar el número de pequeños propietarios”. Para ele, a tenacidade militar paraguaia nascera da resistência a um invasor que “tenía toda la traza del conquistador”.<sup>78</sup>

### Estado-Nação Precoce

A política de exteriorização comercial e de restauração tendencial da hegemonia dos segmentos sociais mercantis e exportadores, com destaque para estancieiros, plantadores e comerciantes, promovida pelo lopismo, em relação ao período francista, necessitava de livre acesso ao mercado mundial através do rio da Prata. Em inícios dos anos 1860, a liberdade comercial e a autonomia paraguaia de fato dependiam da independência do porto de Montevidéu, em relação a Buenos Aires e ao Império.<sup>79</sup>

Ao intervir no exterior, assumindo o repto lançado pela Argentina mitrista e pelo Império do Brasil, Francisco Solano López defendia as bases da reorganização do país impulsionada por seu pai. A interrupção do comércio internacional paraguaio enfraqueceria e eventualmente dissolveria o bloco político-social que, após o eclipse da ordem francista,

<sup>76</sup> Id.ib., pp. 77.

<sup>77</sup> DOMINGUEZ, Manuel. *El Paraguay: sus grandezas y sus glorias*. Ob.cit., pp.44, 55.

<sup>78</sup> Id. *El alma de la raza*. Ob.cit., p.34.

<sup>79</sup> CHAVES, Julio Cesar. *El presidente López*. Ob.cit. pp. 71 et seq.; WHITE, R.A. *La primera revolución [...]*. Ob.cit., p.151.

em 1840, levara ao poder e sustentara o lopismo e seu programa de revigoração e exteriorização da propriedade e da produção mercantil.

A intervenção no Mato Grosso, em Corrientes e no Rio Grande interessava aos segmentos mercantil-exportadores e, nulamente, aos pequenos e médios chacareros proprietários, arrendatários e posseiros. Solano López não acompanhou as tropas ao exterior temendo, por um lado, a oposição que sofria de segmentos liberais e pró-portenhos e, por outro, o desgosto do mundo plebeu rural, agredido pela mobilização de seus braços e recursos para guerra que não compreendia e não lhe interessava.<sup>80</sup>

A expedição ao exterior liquidara com o núcleo central do exército profissional, importante instrumento de imposição do consenso social e político lopista ao país. Desde então, a resistência se daria, mais e mais, apoiada na mobilização das milícias não paga dos partidos – *urbanos* –, organizadas quando do regime francista, conformada por camponeses de raízes culturais guaranis, que partiram para o frente de batalha junto com seus vizinhos, paisanos como eles.<sup>81</sup>

A população camponesa intuiu rapidamente que, defendendo o país da invasão aliancista, defendia sua própria existência social e material. Sob a retórica da defesa da pátria e da honra nacional, lutaram por tudo que haviam conquistado, sobretudo durante a era francista, a casa, a terra, a família, a autonomia relativa. Sobretudo com o conhecimento no Paraguai do Tratado secreto da Tríplice Aliança, em agosto de 1866, compreenderam que defendiam seus interesses mais profundos.

A resistência incondicional ao invasor foi empreendida essencialmente pelos segmentos sociais camponeses de raízes culturais *guaranis*. Resistência lutada no contexto da crescente defecção e adesão às forças aliancistas das classes dominantes, promovidas pela própria família López e pelo núcleo administrativo central do país, sobretudo a partir de meados de 1867. No desenvolvimento da guerra de defesa, os chacareros certamente serviram-se mais de Francisco Solano López do que o *mariscal* deles. Um e outros lutaram sob a mesma bandeira e a mesma guerra, por razões substancialmente distintas. Possivelmente a própria morte de Solano López, com os exércitos paraguaios ainda articulados, não levasse ao fim da guerra, sendo ele substituído por outro líder militar.<sup>82</sup>

### Apoio Popular à Repressão

Impressiona comumente aos analistas a total falta de oposição, no seio do exército, à dura repressão contra aqueles que conspiraram contra a continuidade da resistência. Repressão que se iniciou no acampamento de San Fernando e se manteve praticamente até os últimos meses da guerra. As classes populares não se mostraram meramente apáticas diante do duro tratamento em que foram submetidos os conspiradores, quase todos membros destacados da sociedade. Em verdade, elas apoiaram firmemente as prisões, torturas e execuções.

A repressão aos conspiradores constituiu nos fatos repressão aos núcleos centrais das classes dominantes paraguaias.<sup>83</sup> O farmacêutico inglês George Masterman registrou que as mulheres aprisionadas “perteneían a la mejor clase de la sociedad”. Von Versen propôs que Solano López colocara “propositalmente” “na primeira linha da vanguarda”, o “batalhão nº 40”, recrutado em Asunción, “três vezes aniquilado e três vezes reconstituído”,

<sup>80</sup> MAESTRI, Mário. O Plano de Guerra Paraguaio em uma Guerra Assimétrica: 1865. Revista Brasileira de História Militar, Rio de Janeiro, 2013. <http://www.historiamilitar.com.br/>; MAESTRI, Mário. *A Guerra no Papel: História e Historiografia da Guerra no Paraguai. (1864-1870)*. Ob.cit., pp. 107-140.

<sup>81</sup> FRANCIA, v. 2, 917. Sección Criminal, Vol. 23, Número 5. Original, p. 612.

<sup>82</sup> MAESTRI, Mário. *Tribunais de Sangue de San Fernando*. Ob.cit.

<sup>83</sup> GODOI, Juan Silvano. *El fusilamiento del Obispo Palacios y los tribunales de sangre de San Fernando*. Asunción: El Lector, 1996. p.40.

devido à sua “prevenção” “contra as pessoas de espírito cultivado”, sobretudo de raízes e cultura espanholas, que crescera “à medida que se acentuava o infortúnio de seu desgoverno”. Ou seja, à medida que aumentara a defecção dos segmentos dominantes da resistência incondicional plebéia.<sup>84</sup>

Para Von Versen, a falta de empatia dos soldados paraguaios para como as centenas de martirizados deveria-se, “mais do que tudo”, à “antipatia de raças”. Ou seja, à oposição entre os segmentos camponeses *guaranitizados* e as classes dominantes *espanholizadas*. Lembrava o coronel prussiano: “Os guaranis [soldados] assistiam com disfarçado mas natural prazer a completa eliminação dos espanhóis que os tinham escravizados.”<sup>85</sup>

Soldados, cativos, serviçais delataram membros das classes proprietárias como conspiradores. As deserções iniciais nas forças armadas paraguaias seriam sobretudo de filhos e membros das famílias proprietárias, que comumente não se submetiam ao tratamento igualitário e plebeu dos exércitos nacionais. Houve recrutas de famílias de distinção duramente punidos por pagar a soldados pobres para realizarem trabalhos e tarefas que lhes cabiam.<sup>86</sup>

No Paraguai, sob a direção de José Gaspar de Francia, vencera a revolução democrática derrotada no Uruguai, sob o comando de José Artigas. Sob a ordem francista, através da mais ampla consulta talvez jamais realizada nas Américas, iniciou-se a constituição de um precoce e rústico Estado-nação conformado sobretudo por enorme população plebéia de pequenos e médios chacareros e produtores independentes, de língua e raízes culturais guaranis.<sup>87</sup>

### Ordem Bonapartista Conservadora

Mesmo apontado tendencialmente para a dissolução das classes camponesas, a restauração pró-oligárquica lopista jamais alcançou a expropriá-las, devido à debilidade relativa dos grandes proprietários e à importância dos segmentos plebeus rurais para a defesa da independência do país e para a própria sobrevivência da ordem lopista. Contradição que permite caracterizar as presidências de López pai e filho como bonapartista-conservadoras.

O caráter tendencialmente nacional-democrático do Paraguai permitiu a constituição de exército de extração popular e a formação de *milícias de urbanos*, nos distintos partidos do país, reunindo praticamente todos os homens livres aptos para a guerra. Milícias que responderam à convocação militar, em defesa de interesses que eram seus, até a quase extinção das reservas do país de homens capazes de portarem armas.

Quando do conflito, sobretudo o Império do Brasil, mas também a Argentina mitrista e o Uruguai florista, eram estados pré-nacionais, de caráter oligárquicos, onde os subalternizados, separados da posse da terra, submetidos ao trabalho compulsório, discriminados política e socialmente, viviam em mundos culturais estranhos aos das *elites*. Naquele então, a Argentina e o Uruguai estavam dilacerados pelas contradições internas políticas, sociais e étnicas.

Descrevendo situação geral às tropas orientais e argentinas, o coronel León de Palleja lamentava-se com as deserções freqüentes entre suas tropas: “En Entre Ríos se nos desertaban los soldados entrerrianos; en Corrientes, los correntinos; en el Brasil, los

<sup>84</sup> VERSEN, Max Von. *História da Guerra do Paraguai*. Ob.cit., pp. 112 et seq.

<sup>85</sup> Id.ib. p. 134.

<sup>86</sup> RIVAROLA, Milda. *La Resistencia a la Guerra Grande*. Estudios Paraguayos, U.C., Departamento de Ciencias Sociales, Centro de Estudios Antropológicos, vols. 26 y 27, n. 1 y 2, Asunción, 2008-2009, pp.179-189. [www.portalguarani.com/obras\\_autores\\_detalle.php?id\\_obras=13571](http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalle.php?id_obras=13571)

<sup>87</sup> WHITE, R.A. *La primera revolución [...]*. Ob.cit., pp. 69 et seq.

brasileños y alemanes; nuestros cuerpos son un verdadero mosaico, respecto al personal [...]” E a esses estrangeiros, foram agregados forçadamente paraguaios!<sup>88</sup>

Ao contrário do chacarero paraguaio, que morria na defesa de sua *pátria*, os trabalhadores escravizados, os libertos, os índios aculturados, os colonos e operários imigrados, os gauchos, etc. reafirmavam paradoxalmente sua humanidade e vontade de autonomia na não adesão plena às bandeiras e consignas de Estados que não os concebiam legalmente e nos fatos como partes efetivas de suas respectivas nações e, no caso argentino, impunham centralismo de cunho liberal oposto aos interesses das populações federalistas das províncias.

Teria sido nos anos da guerra contra o Paraguai que se generalizou no Brasil entre os subalternizados convocados para as forças armadas o provérbio de que “Deus é grande, mas o mato é maior!”

RECIBIDO EL 12 DE AGOSTO DE 2013

APROBADO EL 15 DE SETIEMBRE DE 2013

---

<sup>88</sup> PALLEJA, León de. *Diario [...]*. Ob.cit., p. 103.